

Diálogo e Solidão: Conexões filosóficas entre Martin Buber e Gabriel García Márquez

Dialogo e Solitudine: Connessioni Filosofiche tra Martin Buber e Gabriel García Márquez

Roberto Ribeiro da SILVA

Professor Adjunto do Núcleo de Formação Docente/CAA.

- Universidade Federal de Pernambuco.

Doutorado em Educação.

E-mail: roberto.ribeiros@ufpe.br

Renata Barbosa FERREIRA NETO

Mestranda do Programa de Pós-graduação em

Educação da Universidade Estadual de Pernambuco –

UPE.

E-mail: renatabarbosa19@hotmail

RESUMO:

Esse artigo busca relacionar alguns nexos aproximativos dos conceitos do filósofo do diálogo: Martin Buber, com o escritor colombiano Gabriel García Márquez. Desse encontro, analisaremos especificamente dois conceitos: *Solidão* e *Diálogo*. O primeiro será esquadrinhado do conjunto da obra García Márquez; O segundo reflete a filosofia de Martin Buber em sua teoria sobre o encontro. O presente artigo pela revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, visa (re)conectar uma possível filiação da solidão enquanto conceito ‘propedêutico’, transportado da literatura do escritor colombiano para um encontro com a filosofia do diálogo buberiano. Do realismo fantástico de García Márquez depreendermos uma relação na proximidade com a teoria do diálogo de Buber, no sentido em que a solidão não se apresenta apenas como um silencioso vazio, mas espaço para a escuta do outro - mesmo parecendo custoso em certa medida [a solidão] se apresentar necessária como um espaço anterior ao diálogo. Em tempos como os atuais, marcado pela desumanização das relações, é urgente pensar sobre a escuta da solidão e o encontro do diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Martin Buber. García Márquez. Filosofia do encontro. Realismo fantástico. Solidão. Diálogo

RIASSUNTO:

Questo articolo cerca di mettere in relazione alcuni nessi approssimativi tra i concetti del filosofo del dialogo, Martin Buber, e lo scrittore colombiano Gabriel García Márquez. Da questo incontro, analizzeremo specificamente due concetti: Solitudine e Dialogo. Il primo sarà esaminato nell'insieme dell'opera di García Márquez; il secondo riflette la filosofia di Martin Buber nella sua teoria sull'incontro. Il presente articolo, attraverso una revisione della letteratura e una ricerca bibliografica, mira a (ri)connettere una possibile affiliazione della solitudine come concetto ‘propedeutico’, trasportato dalla letteratura dello scrittore colombiano per un incontro con la filosofia del dialogo buberiano. Dal realismo

magico di García Márquez deduciamo una relazione di vicinanza con la teoria del dialogo di Buber, nel senso che la solitudine non si presenta solo come un silenzioso vuoto, ma come uno spazio per l'ascolto dell'altro - anche se sembra essere in certa misura [la solitudine] necessaria come uno spazio precedente al dialogo. In tempi come quelli attuali, segnati dalla disumanizzazione delle relazioni, è urgente riflettere sull'ascolto della solitudine e sull'incontro del dialogo.

PAROLE CHIAVE: Martin Buber. García Márquez. Filosofia dell'incontro. Realismo magico. Solitudine. Dialogo.

Introdução

Pensei, então, que o ato de plantar uma árvore é um anúncio de esperança. Especialmente se for uma árvore de crescimento lento. E isso porque, sendo lento seu crescimento, eu plantarei sabendo que nem vou comer dos seus frutos, nem vou me assentar à sua sombra... Eu a plantarei pensando naqueles que comerão dos seus frutos e se assentarão à sua sombra. E isso bastará para me trazer felicidade! (Alves, 2012, p. 202).

A história da vida de cada sujeito é constituída de encontros. Esses eventos se materializam em teias de significados que se reverberam em conceitos geradores de um agenciamento em via de resultados, responsáveis em gerar o perseguido, sonhado e defendido pensar autônomo. Os pilares sustentadores desse pensar são paradoxalmente expressos em solitários ‘diálogos introspectos’, mas sempre relacionados com os problemas postos pela própria existência humana, constituído nesse partir-de-sí-mesmo, que age assertivamente conferindo plausibilidade as queixas do existir, ouvidas ou não, reabertas em pensamentos que navegam na ontologia do sujeito.

Cada pessoa é portadora de lutas e fracassos, condição que se impõe para imprimir sobre ‘o ser do ente’ a contínua condição filosófica da busca – sempre à procura de uma forma ou de um sentido. E por seu turno sempre insatisfeitos com as respostas fornecidas pela reflexão parcial, como a semente lançada para gerar sombra e frutos para outros - inconclusa e incompleta.

Já em tenra idade o ser insatisfeito e vocacionado ao saber, pela curiosidade filosófica, calcifica no íntimo as experiências da ‘aldeia’ relatada à criança, que em seu desenvolvimento acabam materializando os elementos consubstanciados no “ópio para atrasar sua volta ao mundo” (Verne, 2003, p. 139) ao passo que aparece funcionando como uma espécie de ‘alforje’ para a jornada do existir.

Essa condição primeira, como um infante rousseauiano em seu ‘estado de natureza’ (Rousseau, 1995)¹, impede o sujeito a se posicionar diante da vida, adiando o seu ‘Já’ pelo ‘Ainda-não’, visto que só

¹ ROUSSEAU, J-J. Emílio ou da educação. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1995.

tardamente ensaia diálogos introspectos até que reúna condições de oferecer respostas ao ‘*nada*’ que se abate sobre si mesmo - seja na pueril infância ou no ocaso da existência.

Segundo teorizações de Sartre,

[...] o nada é esse buraco no ser, essa queda do Em-si a si, pela qual se constitui o Para-si. Mas essa queda não pode ‘ser tendo sido’ salvo se a sua existência emprestada for correlata a um ato nadificador do ser. Esse ato perpétuo pelo qual o em si se degenera em presença a si é o que denominaremos de ato ontológico. O nada é o ato pelo qual o ser coloca em questão seu ser, ou seja, precisamente a consciência ou Para-si. (Sartre, 2002, p.127-128).

O ser tensionado a fugir desse ato nadificador, sente a necessidade de retornar ao lugar onde foi criança. A família funciona como uma esfera arendtiana de proteção e, [...] só pode ser efetivada com a presença dos atos e das palavras, pois estes se apresentam como possibilidades na afirmação de um espaço propriamente humano, no qual há a manifestação de uma identidade pessoal como também o reconhecimento do outro (Silva, 2018, p. 8). Vale recordar que para Hannah Arendt o âmbito de relações entre iguais é a garantia do reconhecimento do outro como ser pleno de direitos.

Pensando sob esse prisma relacional e recapitulando os imaginários a partir das reminiscências que nos constituem, buscaremos nesse excuro, estabelecer nexos possíveis dos ‘rastros’ entre o intercruzamento do pensamento filosófico de *Martin Mordechai Buber* (1878 – 1965) e das obras literárias do escritor *Gabriel José García Márquez* (1927 – 2014).

Nossa escolha se assenta no encontro filosófico-literário de eixos temáticos transformados em palavras-conceito, como: ***solidão e diálogo***, encontrados similarmente entre as principais obras dos dois autores, que ao se fundirem oferecem uma ampliada possibilidade reflexiva mediada pelo encontro da literatura com a filosofia.

Uma reflexão filosófica que busque se aproximar das contribuições literárias-poéticas, poderá fornecer instrumentais importantes para compreender as questões sobre a existência. Diante das diversas temáticas a serem levantadas nesse excuro, compreendemos haver uma grande relevância o seu desenvolvimento, contribuindo para o diálogo entre os distintos saberes.

A Poesia e a Filosofia sempre estiveram muito próximas, cultivando algo comum que “[...]pode ser identificado no espanto, na admiração, ao qual se atribui o filosofar e o fazer poético. Tanto a Filosofia quanto a Poesia só podem ser e acontecer a partir do espanto” (Santana e Carvalho, 2019, p. 207).

Nesse sentido, o realismo fantástico de García Márquez servirá de referência para a partir dos seus personagens e das suas crônicas, aplicar um olhar sob as luzes do pensamento de Martin Buber.

A solidão como categoria na obra de García Márquez

Nosso encontro com a literatura do colombiano García Márquez foi mediado pelo grande escritor brasileiro Rubem Alves², quando lendo uma das suas crônicas intitulada “os velhos também amam” (Alves, 2008, p. 38), ele se referiu a história de Florentino Ariza e Fermina Daza - principais personagens da obra ‘O Amor nos Tempos do Cólera’³ (1985), pois para o autor os sintomas do amor são os mesmos sintomas do cólera. Lorenzo Daza, genitor de Fermina Daza, ao saber do seu namoro com o telegrafista Florentino tratou de separá-los, condição que levou o jovem enamorado a mergulhar em uma solidão glacial, que durou cerca de cinquenta e três anos. Só com a morte do doutor Juvenal Urbino - seu usurpador, Florentino tem a oportunidade de se aproximar de Fermina Daza e novamente tê-la ao seu lado, quando propõe a sua ‘deusa coroada’⁴ zarpar em linha reta no navio ‘Nova Fidelidade’ da Companhia Fluvial do Caribe, que se tornara presidente.

A solidão em Gabriel García Márquez é uma categoria semelhante a um navio⁵ fantasma que acaba gerando transcendência. A solidão de uns dos seus personagens, Florentino Ariza, faz dele um ser “[...]como se não fosse uma pessoa e sim uma sombra (García Márquez, 1985, p. 253).

Nesse ínterim, em ‘Cem Anos de Solidão’⁶ (1967⁷), a matriarca Úrsula Iguarán e o patriarca José Arcádio (primos), ao se casarem inauguram a solitária saga dos Buendía, uma família da fictícia aldeia Macondo marcada pelos laços da consaguinidade e talvez por conta disso, segundo García Márquez, traziam caracteristicamente uns os olhos lúgubres e corpos languídos. A solidão e transcendência se revelam no desenvolvimento da obra quase arquetipicamente em Remédios ‘a Bela’, que

“[...]ficou vagando pelo deserto da solidão, sem cruzeiros nas costas, amadurecendo em seus sonhos sem pesadelos, em seus banhos intermináveis, em suas comidas sem horários, em seus profundos

² Rubem Alves (1933 - 2014) foi educador, teólogo, tradutor, psicanalista e escritor de vários livros de filosofia, teologia, psicologia e histórias infantis.

³ Obra publicada em 1985, segundo BELLINI uma novela que apareceu com grande relevância e extensão: [...] El amor en los tiempos del cólera. Se trata de uno de los logros más relevantes de García Márquez, donde la epifanía de dos vidas funda la eternidad del amor. Paisajes neblinosos abren la perspectiva de destinos intrincados, por fin resueltos en el sentimiento, que el tiempo eterniza. Un gran éxito de este inagotable transformador de realidades, creador de mitos. La nave de los amantes encanecidos seguirá por mucho tiempo recorriendo la memoria del lector (1997, p.529).

⁴ Menção a uma valsa dançada pelos personagens: La Diosa Coronada – Uma valsa colombiana composta por Leandro Díaz.

⁵ Essa ideia coaduna com imaginários contidos no conjunto da obra de García Márquez, o ambiente marítimo caribenho já está presente na primeira página da obra ‘A Crônica de Uma Morte Anunciada’: [...]No día em que o matariam, Santiago Nasar levantar-se às 5h30m da manhã para esperar o navio em que chagava o Bispo (García Márquez, 2000, p. 9). É amplamente demonstrada na obra ‘O Relato de um Náufrago’ (2003).

⁶ García Márquez recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982 pelo conjunto de sua obra. Cem anos de solidão é considerado um dos livros mais importantes da literatura em língua espanhola – antes dela, o autor havia publicado A revoadada: o enterro do diabo (1955), Ninguém escreve ao coronel (1961) e Má hora: o veneno da madrugada (1962).

⁷Ano de publicação da obra. Adotaremos essa forma em seguida.

e prolongados silêncios sem memória, até a tarde de março em que Fernanda quis dobrar no jardim uns lençóis de linho, e pediu ajuda às mulheres da casa. Mal tinham começado quando Amaranta percebeu que Remédios, a Bela, estava quase transparente” (García Márquez, 2021, p. 257).

Ela é assunta aos céus com sua tamanha beleza solitária. Nessa história a solidão é essencialmente marcada como uma característica “[...]intrínseca dos Buendía – recobra sua razão de ser e sua justificativa (Botoso, 2020, p. 17). Demonstrada em um outro personagem não menos solitário, que está presente já na primeira página dessa obra, o denominado cigano Melquíades, que é o portador dos pergaminhos que narram a profecia sobre o fim da história da dinastia dos Buendía, distribuída em uma complexa árvore genealógica, após 7 gerações de solitários, o pergaminho traduzido finalmente revela o agourento prenúncio que “[...]o primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas (García Márquez, 2021, p. 444).

A figura do velho solitário é retrato não só dos patriarcas, como é possível aferir na linhagem dos coronéis descritos na obra. Essas figuras estão relatadas em coronéis e ditadores decrépitos em crônicas ou obras inteiras, como: ‘Ninguém Escreve ao Coronel’ (1961); ‘O Outono do Patriarca’ (1975) e ‘O General em seu Laberinto’ (1989), conferindo uma unicidade ao perfil dos ditadores e coronéis. Esse ancião é também aquele centenário que passou a vida fugindo do amor e tem sua humanidade devolvida por uma ninfeta pura, na obra: ‘Memória de Minhas Putas Tristes’ (2004).

Esse aspecto envolvendo a condição solitária senil é comparada ao próprio ofício do escritor, conforme deixa transparecer García Márquez em conversas com Plínio Apuleyo Mendoza na obra: ‘Cheiro de Goiaba’ (1982),

[...]nunca disse que a solidão do poder é igual à solidão do escritor. Disse por um lado, como você mesmo diz, que a solidão da fama parece muito com a solidão do poder. E disse, por outro lado, que não há ofício mais solitário que o do escritor, no sentido de que no momento de escrever ninguém pode ajudar a gente, nem ninguém pode saber o que é que a gente quer fazer. Não: a gente está sozinho, numa solidão absoluta, diante de uma folha em branco. Quanto à solidão do poder e à solidão da fama, não há nenhuma dúvida. As estratégias para conservar o poder, como para se defender a fama, acabam por se parecerem. Isso é em parte a cauda de solidão de ambas. (García Márquez e Mendonza, 1982, p.108).

O conjunto da obra de García Márquez evoca um passado caribenho colonial, cenário potencializador de uma espécie de solidão de uma época extensiva as pessoas. Como acontece na obra: ‘Do Amor e Outros Demônios’ (1994), que narra a história de amor da jovem Sierva María de Todos los Ángeles e o padre Cayetano Delaura.

Para Silva: “[...]Em Do amor e outros demônios, vimos que as personagens dão a conhecer o seu interior no seu discurso; o que não dizem aos outros, falam para si, de modo que o leitor o saiba” (2012,

p. 88). Essa comunicação silenciosa que “fala em si” como uma “pré-fala” são os rastros buscados nesse excuro, para estabelecer nexos aproximativos ao ato seguinte: o diálogo, que retomamos a seguir a partir do contributo de Martin Buber.

Rastros de solidão no encontro com a filosofia do diálogo em Buber.

O conceito ‘*solidão*’ amplamente relatado na obra de García Márquez, parece compor uma sinfonia em seus quatros movimentos: *allegro*⁸, *adagio*, *menuetto* e *allegro*. Pensar a solidão como conceito é incorporar semanticamente a orquestração dos adágios lentos que se inserem fundamentalmente no diálogo e no encontro.

Para Silva, a “[...] reflexão filosófica-literária, as materializações na construção de um personagem e a mensurabilidade proeminente[...]” (2024, p. 108), acaba promovendo um encontro literário-filosófico que parte do silêncio-escuta assentado no conceito de solidão de García Márquez, provocante de iniciativas internas, individuais e subjetivas do EU, no encontro com a contribuição existencial buberiana transformando-se em transcendência.

Para Martin Buber, a fala carrega a conjugação da existência. A palavra é extensão do ser. Na obra “Eu e Tu”, o pensar buberiano não é apenas um compilado de inspirações judaicas, mas é o lugar que encontramos sua profundidade filosófica.

O ser humano se encontra situado no entremeio do tempo e do espaço. Seu existir é permanente busca de sentido-do-ser; porém carente do referendamento de outras existências (eu alheio). Em Buber, sustentar a construção humana nas relações em si não é suficiente, carece relatar que ele [o homem] se firma socialmente através do diálogo.

A pessoa toma consciência de si como participante do ser, como um ser-com, como um ente. O egótico toma consciência de si como um ente-que-é-assim e não-de-outro-modo. A pessoa diz: “Eu sou”, o egótico diz: “Eu sou assim”. “Conhece-te a ti mesmo” para a pessoas significa: conhece-te como ser. Para o egótico: conhece o teu modo de ser. Na medida em que o egótico se afasta dos outros, ele se distancia do Ser (Buber, 2006, p. 93).

Há em Buber um contraponto estabelecido nas palavras-princípio, acima manifestas: Eu-Tu (pessoa) e Eu-Isso (egótico). Eu -Tu, revela a ontologia relacionada ao próprio homem. É um ato atualizador de comunicação carente do reconhecimento de potencialidades realizadas extensivamente fora de si mesmo, portanto, reconhecimento do outro em seu ato de ser um EU no posto de um TU.

⁸ Sugerimos como exemplo o [Allegro](#) (em mi maior). Presente na obra: ‘As Quatro Estações’. São quatro [concertos](#) para [violino](#) e [orquestra](#) do [compositor italiano Antonio Vivaldi \(1678-1741\)](#).

Como na literatura de García Márquez, no pensamento buberiano, o logos (palavra), é ato do ser que fala. Mesmo que não haja outro diante dos personagens solitários que falam por sí do primeiro, há o leitor que é ente, conhecedor do que silenciosamente se exprimiu, portanto é um “entre” outro, face ao realismo fantástico.

Assim sustentamos a ideia de que esse acontecimento no “entre um e outro” reverbera em um diálogo frente a solidão. Na obra “Do diálogo e do dialógico”, Buber reflete sobre o ato de pensar as relações,

Se levarmos a sério o ato de pensar entre Eu e Tu, então não é suficiente dirigirmos o nosso pensamento ao outro sujeito pensante por nós apenas pensado; deveríamos também, com o pensamento, precisamente com o pensamento, viver dirigidos ao outro não-pensado, ao outro fisicamente presente, deveríamos viver dirigidos a sua concretude. Não dirigidos a um outro pensador, de quem nada queremos saber a não ser o seu pensamento, mas mesmo que o outro seja um pensador, dirigidos ao seu não-pensar físico. Dirigidos mais do que isto à sua pessoa, à qual também pertence assim mesmo a atividade de pensar (Buber, 2014, p. 63).

O filósofo convida a uma forma de olhar o outro revestido em sua alteridade, não tentando percebê-lo sob os aspectos postos à luz de um prévio pensar. Há então o afastamento da percepção coisificada [Isso] do outro, como teoriza Buber, “[...]o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem (2006, 39)”. Não negamos a existência da relação: Eu – Isso enquanto direcionado ao trato com as coisas mundanas objetivas. Passando desses aspectos assume um caráter estritamente utilitarista do outro.

Nesse entendimento, o processo dialógico apropriado do filósofo, é gerador da possibilidade de um encontro do Eu-consigo e a descoberta do Tu-do-outro. Nessa dupla atitude, o movimento do homem enquanto ser de relação, revela o encontro com uma dualidade de mundos: o mundo coisificado pela relação Eu-Isso e o mundo interrelacional presente no Eu-Tu. À guisa das presentes reflexões desenvolvidas nesse estudo, alinhamos a literatura de García Márquez como um *adagio* participante do *intermezzo* entre Eu-Tu. É nesse lapso temporal que a solidão se comunica e nem por isso perde sua essência, mas transmuta-se em um diálogo transmissor de sentidos.

Algumas considerações parciais/finais...

Talvez o verdadeiro sentido da vida não esteja conectado com a relação inexorável com os outros, mas naquilo que ocupa o sujeito consigo próprio; não estamos com isso excluindo o pensamento filosófico de uma abordagem basal inspirada pela alteridade. Não há como negar o contributo de

pensadores que afugentaram as argumentações tendenciosas em defesa de qualquer pensamento do tipo totalitário – fascista.

Emmanuel Lévinas nos relatou a urgência de considerar a contemplação do rosto do outro,

Nele, a infinita resistência do ente ao nosso poder ser afirma precisamente contra a vontade assassina que ela desafia, porque totalmente nua – e a nudez do rosto não é uma figura de estilo, ela significa por si mesma. Nem se pode dizer que o rosto seja uma abertura; isto seria torná-lo relativo à uma plenitude circundante (Lévinas, 2005, p.32).

Não é suficiente perceber a face do outro, mas é necessário vigiar para não se acostumar com o mal que venha a ser banalizado e se abater contra ele. Como teorizava Hannah Arendt, sobre a “[...]privação de relações objetivas com os outros [...] tornou-se o fenômeno de massa do desamparo, no qual assumiu sua forma mais extrema e mais anti-humana”. (2020, p.72). Ao se descobrir solitário, o ser percebe-se como problema, desenhando a indagação interior pela busca de sentido; similar ao processo da “descoberta do eu” presente no conjunto da obra de Agostinho de Hipona (354 – 430).

Os pensamentos filosóficos que sobejam a realidade e as novelas literárias ficcionais, buscaram entrelaçar nesse excursão um devaneio que transpõe o delírio. Querendo ser movimento espiral, prenhe de inícios que se repetem em acontecimentos idênticos, como uma resposta nietzschiana, propôs refletir sobre o enfretamento do niilismo que atente contra a própria vida.

O encontro consigo (EU) impele a busca pelo outro (TU), dessa maneira o tempo e o espaço assumem categorias anteriores ao estabelecimento do movimento, inaugurado pelo encontro Eu-Tu como transcendência. Nesse ínterim, a filosofia e a literatura, Buber e García Márquez, a solidão e o diálogo, acabam configurando a razão desse escrito: oferecer ao pensamento filosófico uma leveza literária como resposta aos desafios humanos atuais, paradoxalmente marcados pela desumanização das relações, dada as urgências em pensar sobre a ‘escuta da solidão’ e o ‘encontro do diálogo’.

Querer saber sobre o destino humano e sua condição de existir no mundo, implica compreendê-lo além do indivíduo, como um ser de relações e reconhecendo-o com Buber como um ser relacional. Para Araújo e Silva,

No seu pensamento filosófico, o homem só encontrará a si mesmo, quando encontrar o seu companheiro de jornada, reconhecendo-o em toda sua alteridade como ele próprio e decida partir em direção ao outro, rompendo com sua solidão, fazendo acontecer um encontro transformador (2024, p. 9).

A figura do ermitão solitário que lutou a vida inteira para esvaziar-se do ego, não é a medida para o ‘saber de si’. O ser deve ir além da solidão, sem que seja necessário declinar da sua potência questionadora. O autoconhecimento exige uma volta originária onde tudo é revolvido pela arte do pensar.

Nesse sentido, o conceito de solidão se relaciona com aquele homem que é consciente de si, porém não se acomoda pela contingência do tempo, estando sempre pronto a desvendar o que lhe habita mais profundamente.

Não podemos deixar de ponderar que nossa aventura filosófica e literária nesse estudo, tem sua origem com o encontro estabelecido há vinte anos, quando estudantes de filosofia, enebriados pelos pensamentos Buber e em meio a pobreza de recursos financeiros, encontrávamos a fonte do saber na praça dos Sebos, no Recife antigo, até o dia quando tropeçamos na obra de García Márquez. O entrelaçamento de acontecimentos oportunistas no conjunto da obra do ‘colombiano solitário’ fez eco a solidão do existir daqueles então aprendizes de filósofos. A angústia exalada dos questionamentos provocados pelas elocubrações filosóficas nos posicionaram ao anonimato da capital pernambucana. Lá entre tantos que retornavam cotidianamente ao mesmo, retornávamos as praças repletas de vendedores, bêbados e fumantes, querendo saber como nos encontraríamos em meio ao silêncio dos olhares lúgubres de uma ‘Macondo’ prestes a dissipar-se.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2012.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução Roberto Raposo. Revisão técnica Adriano Correia - 13 ed. Rio de Janeiro: Forense, [1958] 2020.

BELLINI, Giuseppe. **Nueva historia de la literatura hispano americana**. Madrid: Editorial Castalia, 1997.

BOTOSO, Altamir. **Um estudo dos leitmotivs de cem anos de solidão**. Revista Água Viva, [S. l.], v. 5, n. 2, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i2.25688. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/25688>. Acesso em: 13 maio. 2024.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006.

. **Do Diálogo e do Dialógico**. Trad. Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

. **El amor en los tiempos del cólera**. 18 ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTANA, Genildo Firmino.; CARVALHO, José. **Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível**. Trilhas Filosóficas, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 203–220, 2019. DOI: 10.25244/uf.v12i1.32. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/32>. Acesso em: 2 maio 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 11a Trad. Paulo Perdição, Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, José Antônio Ferreira da, & ARAÚJO, Willamis Aprígio de. (2024). Martin Buber e as relações dialógicas: diálogo e encontro transformando a aula de filosofia a partir das novas tecnologias. **Cadernos Cajuína**, 9(2), e249201. <https://doi.org/10.52641/cadcajv9i2.223>. Disponível em: <http://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/223>. Acesso em: 13 agosto 2024.

SILVA, Roberto Ribeiro da. Educação e Espaço Público em Hannah Arendt: uma trama conceitual-política-filosófica contra a LEI N° 13.415, que retirou a disciplina obrigatória de Filosofia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, pág. e179395, 2018. DOI: 10.17648/rsd-v7i9.395. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/395>. Acesso em: 2 maio 2024.

. **O niilismo ativo nietzschiano na obra ‘a hora da estrela’ de Clarice Lispector**. Revista Dialectus. v. 31 n. 31 (2023): **Dossiê Niilismo Vol. III**. DOI: <https://doi.org/10.30611/2023n31id92700>. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/1537>. Acesso em 16 maio 2024.

SILVA, Marcel Franco da. **A polissemia do sagrado em do amor e outros demônios de Gabriel García Márquez**. INTERAÇÕES, v. 7, n. 12, p. 69-90, 11. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6145>. Acesso em 16 maio 2024.



SILVA, Roberto Ribeiro da. Diálogo e Solidão: Conexões filosóficas entre Martin Buber e Gabriel García Márquez. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24055, p. 01-09.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 08/2024